

O REGIONALISMO NA OBRA “O QUINZE” DE RACHEL DE QUEIROZ E A CRÍTICA AO PAPEL DA MULHER NORDESTINA EM SEU TEMPO E ESPAÇO

RESUMO: O Regionalismo de 30 foi uma importante fase Modernista. Com ele, surgem propostas literárias antes negligenciadas, como temáticas nordestinas que sentenciam as mazelas sociais existentes neste período na vida sertaneja. Neste contexto regionalista, o papel da mulher também será retratado sobre diferentes aspectos e abordagens por alguns autores. Neste sentido, o presente artigo tem como objetivo analisar o Regionalismo da década de 1930 presente na obra “O Quinze” de Rachel de Queiroz, apontando a importância da representação feminina personificada na figura de Conceição, como uma mulher resistente e vanguardista à sua época.

PALAVRAS CHAVE: Regionalismo de 30, Rachel de Queiroz, “O Quinze”.

THE REGIONALISM IN "O QUINZE" OF RACHEL DE QUEIROZ AND THE CRITICISM OF THE ROLE OF NORDESTINE WOMEN IN HER TIME AND SPACE

ABSTRACT: Regionalism on the 1930's was an important fase of Modernism. Therefore, various literary topics came up once neglected, such as Northeastern themes that explore the hardships of life in "sertão" during that time. On this regionalist context, female participation is often portrayed under different approaches and aspects by a few authors. Considering this fact, the objective of this article is to analyze the Regionalism of the 1930's presented in the book "O Quinze" by Rachel de Queiroz, focusing on the importance of women, personified through the character "Conceição", a strong and forward-thinking woman.

KEY WORDS: Regionalism of 30, Rachel de Queiroz, "O Quinze".

Bianca Rezende Godói¹

INTRODUÇÃO

O Regionalismo foi tema importante retratado na Segunda Fase do Modernismo no Brasil, onde o tema da seca e das mazelas sofridas pelo Nordeste e os sertanejos foram levantados e analisados de forma crítica por diferentes autores da literatura brasileira. Dentre estes autores, Rachel de Queiroz, em sua obra “O Quinze”, irá retratar um regionalismo diferente e autêntico, dando enfoque ao papel da mulher como sujeito histórico atuante e

¹ Graduanda em História (8º período) pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2015-2019).
Endereço eletrônico: biancarezende.historia@hotmail.com

resistente diante da seca nordestina. Esta personagem forte e vanguardista será figurada na imagem de Conceição, protagonista da obra “O Quinze”, que mesmo estando mergulhada em um contexto conservador e paternalista, irá lutar não só contra o sofrimento da seca no Nordeste, mas também por seu reconhecimento social como mulher independente e atuante.

MODERNISMO E O REGIONALISMO DE 30

Imerso em um contexto de excitações, de novas ideias e mudança de formas, o Modernismo no Brasil, tendo como berço a Semana de Arte Moderna de 1922, se consolida como um movimento literário e artístico. Carregado com uma ideia de rompimento e reconstrução, os modernistas da primeira metade do século XX buscaram transparecer um novo tipo de arte.

Na década de 30, começa-se um período de multiplicação das literaturas regionais. O Regionalismo de 30, ou geração de 30, foi marcado com um novo olhar, que foi ressignificado e voltado para a temática nordestina, abordando o sofrimento e a carência destas personagens sertanejas. Neste aspecto, a autora Tamaru (2004) analisa que:

O conjunto desta produção cultural responde por um objetivo específico: definir e divulgar um espaço e uma cultura nordestinos a partir dos anos de 1920 no Brasil. Desta forma, realiza-se uma união perfeita entre modernista e regionalista, misturando elementos locais e universais, para obter a identidade nacional com um “ethos” cultural próprio, autêntico, avesso ao importado, estrangeiro e europeizante. Este projeto ideológico viabilizará a sobrevivência simbólica das elites agrárias destituídas do poder pela revolução. (TAMARU, 2004, p. 16).

Neste contexto, nota-se uma tentativa de intervenção, colocando o Nordeste como região de destaque. Tenta-se romper com a ideia Norte/Sul, onde o primeiro perdia certo prestígio com a abolição da escravidão e a crise na produção de açúcar e o segundo ganhava força com o progresso da urbanização e da indústria. Desta forma, o Regionalismo de 30 irá propor uma reordenação desta espacialidade do Brasil, onde o Nordeste irá reagir à marcha da Modernidade. Ainda sobre análise de Tamaru (2004), a autora afirma que:

O romance de 30 emerge preocupado em definir os vários tipos humanos e as características sociais que compunham a nação, cruzando o ponto de vista psicológico com o social. No romance nordestino, irão se cruzar a crise de uma sociabilidade com a de uma intelectualidade tradicional, o problema individual de

filhos de proprietários rurais em crise com o problema social equacionado como instância regional pela produção sociológica freyreana e toda uma produção discursiva anterior. (TAMARU, 2004, p. 18 – 19).

Surge então, com o Regionalismo de 30, temáticas que irão representar e elucidar as mazelas sofridas pelo povo nordestino, como o tema da seca, da fome, do cangaço, do messianismo, mas também outros pontos, como a corrupção e o paternalismo. Assim, a questão social será amplamente explorada por estes autores regionalistas, que irão demonstrar a dura realidade do Nordeste e de sua população, que apesar das amplas barreiras sociais que lhes foram impostas, não tomaram uma posição passiva diante do contexto vivido.

Para além da penúria, a Tradição nordestina também será uma forte marca desta segunda fase do Modernismo, com forte ênfase na memória coletiva. A cultura popular irá legitimar a tradição nordestina e a forma leve de escrita destes autores, marcada pelo realismo, trará certa identificação do leitor com a vida e situações dos personagens da literatura de 30. Neste sentido, a autora Rachel de Queiroz, imersa neste contexto, tratará estes aspectos em muitas de suas obras, como “O Quinze”. Diante disso, a autora MOREIRA (2010) elucida que:

Sua escrita enquadrada num movimento literário denominado de regionalismo parecia significar já de imediato uma valorização das tradições, dos modos e tempos de viver locais, interioranos, ultrapassados para aqueles que se instituíam na luta a favor do progresso e da modernização do país. (MOREIRA, 2010, p. 2).

A autora Rachel de Queiroz é exposta como participante ativa do ciclo de cultura regionalista da década de 1930, adotando em sua literatura temas de origem popular, com o intuito de delatar as condições sociais em que estes sertanejos viviam. Em sua obra, “O Quinze”, Rachel de Queiroz irá retratar esta população nordestina desgastada pelo açoite da seca e da miséria. Desta forma, a autora Tamaru (2004) nos mostra que:

Através de uma estética neo-realista, Rachel de Queiroz mostra, em O quinze, personagens degradadas pelo flagelo da seca e baixas condições sócio-econômicas. O que temos é uma tentativa de análise do destino do homem com a consciência da conjuntura em que se situa – a seca. Avulta, porém, a posição da mulher, tendo, como pano de fundo, os problemas geográficos e sociais nordestinos, cuja temática sistematiza-se com base nos cenários e nos costumes, sem minimizar o papel da imaginação criadora perante esta nova personagem feminina emancipada. (TAMARU, 2004, p. 24).

A mulher, neste cenário social opressor e paternalista, irá ganhar destaque na literatura de Rachel de Queiroz, tendo a autora permitido uma literatura a partir da ótica feminina. Sobre o papel da mulher nos textos da autora, Abreu (2012) irá constatar que:

Em todos eles, a mulher é representada como personagem que traz em seu âmago um desejo latente de liberdade, quase nunca alcançado devido à submissão que lhe é imposta por uma sociedade patriarcal. (ABREU, 2012, p.1).

Rachel de Queiroz irá produzir um romance maduro, coerente, original e revolucionário para sua época, que surpreendeu e causou estranhamento por muitos, por ter procedência de uma autora mulher tão jovem, mas, ao mesmo tempo, resistente e vanguardista.

RACHEL DE QUEIROZ, UMA MULHER DE SEU TEMPO REFLETIDA EM SUA OBRA

[...] Rachel de Queiroz no ato de escrever sobre si, de retomar seus tantos anos, de criar suas tantas personagens, que são como máscaras para ela, que também é uma personagem, assim como escritora, percebemos a multiplicidade de sujeitos ou o sujeito uno em sua multiplicidade, a subjetividade em contradição e produção pelas linhas subordinadas e insubordinadas de quem escreve, lê e reescreve. (MOREIRA, 2010, p. 5).

Em 1970, no Ceará, berço de uma de suas mais ilustres obras, nasce a autora Rachel de Queiroz, uma mulher à frente de seu tempo, que instigou e causou estranheza de muitos à sua época. Esta mulher nordestina, resistente e sonhadora, fez História na Literatura brasileira e marcou de muitas formas o modo de se pensar o Nordeste e seus sujeitos históricos.

Nascida em um contexto paternalista, onde a maioria das mulheres não eram letradas ou possuíam profissões e independência, Rachel de Queiroz buscou em toda sua trajetória de vida exaltar o valor da mulher como sujeito histórico ativo e resistente aos pensamentos conservadores de sua época. Esta sua escolha é registrada por Holanda (2004), quando esta afirma que Rachel:

Foi a única escritora mulher aceita como representante do movimento modernista. Foi uma das primeiras mulheres a se opor, com sucesso, uma vida independente e livre. Foi uma mulher que escolheu e determinou seu destino afetivo, existencial, literário, profissional, político. Foi uma mulher que viveu de e para o ofício de escrever. (HOLLANDA, 2004, p.297).

Seu amor e dedicação pela escrita literária fez com que esta escritora fosse com o tempo ganhando prestígio e lugar de destaque em um grupo intelectual, onde à sua época, as mulheres não tinham espaço.

Rachel de Queiroz dedicou grande parte de sua carreira retratando sobre o cenário onde nasceu e as mazelas que esta região sofria, principalmente relacionado à questão da seca. Este caminho de abordagem literária escolhido por Queiroz, fez desta autora um marco do Modernismo de 2º fase, também conhecido como geração de 30. Sobre este assunto, Tamaru (2004) contextualiza que:

Para ampliar a discussão, pode-se perceber que Rachel de Queiroz teve a preocupação, como participante do movimento Modernista, de fundar certa tradição nordestina e não apenas propalar uma já existente. E, para tanto, ao relatar fatos, memórias e lendas conhecidos na região, ela registra e, ao mesmo tempo, recria elementos a serem incorporados pela cultura própria local, pois os discursos e as práticas, que inventaram o Nordeste, são também históricos à medida que se produzem em condições determinadas e projetam-se no futuro. (TAMARU, 2004, p. 19).

Uma de suas principais obras, “O Quinze”, fora admirada por grandes autores como Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Jorge Amado. Tratando de temas do Nordeste, da seca e de questões sociais, a obra foi inspiração para grandes autores e teve influência em renomadas produções como “Vidas Secas” de Graciliano Ramos, escrito por este autor oito anos após a obra “O Quinze”. Com temas confluentes a outros grandes autores, que também retratam o sertão nordestino, Rachel de Queiroz tem o cuidado de retratar estes assuntos de forma simples e objetiva, linguagem essa dita por Abreu (2012, p.5) que: “próxima da oralidade, vem simples e livre”. Desta forma, sua obra difere, por exemplo, de “Os Sertões” de Euclides da Cunha, que também retrata o tema do sertão, mas de forma complexa e monumental.

Em “O Quinze”, Rachel de Queiroz irá retratar, de forma simples e objetiva, uma das piores secas já acontecidas na História do Ceará, em 1915, que mudou drasticamente a vida dos sertanejos da região. Segundo Abreu (2012):

Rachel recorre à memória daqueles que viveram a seca de 1915 para construir o nome de seu livro de estreia, O quinze, lançado em agosto de 1930, em edição do Estabelecimento Graphico Urânia, financiada pela família. No romance, a escritora recorda o sofrimento ainda latente na memória nordestina daquele ano terrível, embora ela mesma não guarde consigo essas memórias. Vale-se, então, da memória

social da região associada à experiência própria de mulher agreste e acostumada ao que, posteriormente, João Cabral de Melo Neto chamaria de “vida Severina”. (ABREU, 2012, p.4).

Nesta obra, a autora irá relatar a vida dos trabalhadores da região, transformados em uma grande massa de retirantes, que migravam percorrendo grandes percursos a pé, carregando tudo que podiam de seus pertences, buscando novos ambientes que pudessem lhes dar melhores condições de vida. Em meio a estas dificuldades, muitos destes trabalhadores migravam para regiões como o Amazonas buscando enriquecer com a extração de borracha, outros buscavam ganhar a vida em São Paulo ou até mesmo na própria capital do Ceará, Fortaleza. Diante disto, a obra “Os Retirantes”, de Candido Portinari, retrata e ilustra bem o contexto decadente de migrações destes sertanejos.



“Os Retirantes” - Candido Portinari (1944)

Com uma linguagem simples, que imita o “jeito de falar” do povo, do retirante, Rachel de Queiróz usa desta narrativa para denunciar problemas nacionais, como a corrupção, a opressão e a miséria. Faz suas críticas de maneira objetiva, deixando que seus leitores tirem suas próprias conclusões. A autora irá reunir em sua obra inúmeras tragédias e histórias de vidas, de uma maneira sensível e baseada em suas tradições. De acordo com Tamaru, (2004), dentre estes autores regionalistas:

[...] Rachel de Queiroz estaria junto daqueles que constroem a região como espaço de saudade, da tradição. Embora também se reporte ao litoral, o sertão é o espaço tradicional por excelência, aquele que dá originalidade ao nordeste. Para tanto, elabora obras tendo como material de invenção suas próprias lembranças, experiências, imagens, enunciados e formas de expressão conservados de uma identidade ameaçada de se perder. (TAMARU, 2004, p.19).

Rachel de Queiroz, desta forma, foi uma mulher que surpreendeu e causou inquietação aos de sua época, desde suas primeiras obras. “O Quinze”, escrito pela autora quando esta possuía apenas 19 anos, causou espanto de muitos, devido ao tema tão rude retratado por uma mulher tão jovem. Os romances da época geralmente eram leves e possuíam temas amorosos e “açucarados”, muito diferentes dos que a jovem autora abordava, sobre a seca do Ceará. Este fato levou a autora Heloísa Buarque de Hollanda (2004) afirmar em sua obra, “As Melhores Crônicas de Rachel de Queiroz”, que:

O quinze caiu de repente ali por meados de 30 e fez-nos espíritos estragos maiores que o romance de José Américo, por ser livro de mulher e, o que na verdade causava assombro, de mulher nova. Seria realmente de mulher? Não acreditei. Lido o volume e visto o retrato no jornal, balancei a cabeça: - Não há ninguém com esse nome. É pilhéria. Uma garota assim fazer romance! Deve ser pseudônimo de sujeito barbado. (HOLLANDA, 2004, p. 290).

Rachel de Queiroz foi desta forma uma mulher à frente do seu tempo, que teve atuação na política e buscou reconhecimento em um contexto onde as mulheres se restringiam ainda muito ao meio doméstico, poucas possuíam profissão ou eram alfabetizadas, encontrando-se assim em uma sociedade onde dificilmente uma escritora mulher teria reconhecimento de suas obras, quiçá possuiria algum tipo de premiação por estas. Mesmo assim, a autora Moreira (2010) nos mostra que:

Para um tempo em que a mulher não estudava, uma Rachel de Queiroz autodidata; para um tempo em que se batalhava o voto feminino, uma Rachel de Queiroz que ajudou a fundar o partido comunista no Ceará; para um tempo em que a Academia de Letras reiterava a simbologia do cânone composto só de homens, a Rachel de Queiroz que foi a primeira mulher a adentrá-la; para um tempo em que a mulher era discriminada por gerir o seu destino, uma Rachel de Queiroz que casou e descasou e que transitava com uma certa liberdade entre o Ceará, o Rio e outros Estados. (MOREIRA, 2010, p. 3).

Mesmo neste ambiente de resistência, Rachel de Queiroz foi a primeira mulher a entrar para a Academia Mineira de Letras, em 1977, e consagrou um estilo próprio de literatura, sendo um grande marco no Modernismo de 2º Fase e na literatura brasileira. Para Santos (2015):

A importância de Rachel de Queiroz para a literatura brasileira é uma questão imensurável, seus pontos de vista e sua visão às questões sociais proporcionaram um novo jeito de fazer literatura, seu vanguardismo quanto mulher e escritora entraram para a história da nossa literatura, e seus esforços foram valorizados quando lhe foi concedido uma cadeira da Academia Brasileira de Letras (ABL). (SANTOS, 2015, p. 22).

As mulheres retratadas nas obras de Rachel de Queiroz serão, portanto, um espelho dela mesma, figuras fortes e resistentes, que mesmo em um cenário de seca e opressão de gênero, buscam certa independência e espaço social. Na obra “O Quinze”, esta figura feminina vanguardista será personificada em Conceição, uma mulher à frente de seu tempo.

A FORÇA DA MULHER NORDESTINA NA OBRA “O QUINZE”

Abordando frequentemente o tema da mulher em sua literatura, Rachel de Queiroz dá forma a personagens femininas “queirozianas”, que demonstram características divergentes aos padrões postos à mulher de sua época. Na obra “O Quinze”, a autora demonstra certa preocupação em destacar este tipo de personagem feminina, que será personificada na figura de Conceição, uma mulher independente e resistente. Sobre estas personagens “queirozianas”, a autora Abreu (2012) afirma que:

Essas obras, também, carregam em si o fatalismo e a ausência de um final feliz. A busca da liberdade pelas letras ou pelas armas impõe às personagens queirozianas a solidão. A liberdade de autodeterminar-se pede o sacrifício da constituição da família e da maternidade. (ABREU, 2012, p.2).

Conceição foi uma figura exótica para seu tempo. Uma protagonista mulher foi um espanto para sua época. Era uma mulher que não almejava às tradições básicas femininas de seu tempo, como o casamento, ser mãe e constituir uma família. Conceição escolheu para si uma vida sem sentimentalismos, diferente da vida tradicional das mulheres de seu período histórico. Por ser uma literatura completa e bem estruturada, além do fato de serem tão divergentes dos comuns romances “açucarados” do período, muitos ao lerem a obra “O Quinze” de Rachel de Queiroz não acreditavam que este fora produzido por uma mulher tão jovem e com pouca experiência de vida, para levantar abordagens tão complexas e distintas de

seu tempo. Apesar do espanto, a própria Queiroz (2004) relata em seu texto, “Tantos anos: uma biografia”, que o livro também causou entusiasmo ao ser publicado:

Escreveram até um artigo falando que o livro era impresso em papel inferior e não dizia nada de novo. Outro sujeito escreveu afirmando que o livro não era meu, mas do meu ilustre pai, Daniel de Queiroz. [...] Morava então no Ceará o jornalista carioca Renato Viana, que me deu os endereços das pessoas no Rio de Janeiro, uma lista de jornalistas e críticos para os quais eu devia mandar o livrinho. O mestre Antônio Sales, que adorou o livro, também me deu outra lista. Então me chegou uma carta do meu amigo Hyder Corrêa Lima, que morava no Rio, convivia com Nazareth Prado e a roda de Graça Aranha. Hyder mostrava na carta o maior alvoroço e contava o entusiasmo de Graça Aranha por *O Quinze*. Depois veio uma carta autografada do próprio Graça, realmente muito entusiasmado. Em seguida começaram a chegar críticas, de Augusto Frederico Schmidt (no “Novidades Literárias”), do escritor Artur Mota, em São Paulo; foram pipocando notas e artigos, tudo muito animador. (QUEIROZ, 2004, p. 37).

A protagonista de “*O Quinze*” opta, então, por uma vida sem sentimentalismos. Conceição é interpretada como uma mulher forte, inteligente, independente e solícita, que levava sua vida de forma autônoma e se sustentava com o fruto de seu próprio trabalho, exercendo também um papel importante dentro de sua comunidade. Em sua carreira de professora, Conceição ajudava aos carentes da sociedade, oferecendo-lhes amparo às pessoas que sofriam com o flagelo da seca. Desta forma, sua profissão lhe dava certa emancipação como sujeito atuante do corpo social. Já em sua vida privada, foi uma mulher liberta do romantismo. Sobre a protagonista de “*O Quinze*”, a autora Abreu (2012, p. 10) comenta: “[...] Conceição, a primeira que não se casou e não se rendeu à subserviência de uma sociedade retrógrada, decidida a se entregar mais às leituras que a um par amoroso incompatível”.

As personagens “queirozianas” são também postas diante do tema da seca. Em “*O Quinze*”, estas personagens lutam perante a seca ocorrida em 1915, no Ceará, tendo então uma “luta dupla”, a da seca e a do patriarcalismo.

Em sua obra, Rachel de Queiroz se volta para a valorização da mulher, demonstrando a figura feminina como forte e transgressora da ordem vigente. A autora demonstra através de suas personagens certa resistência ao patriarcalismo do sertão nordestino e às tradições e virtude cristãs da época, colocando Conceição como uma personagem que irá negar viver um destino padronizado às mulheres de seu tempo. Sobre o assunto, a autora Tamaru (2004) argumenta:

Rachel de Queiroz acredita numa escrita capaz de mostrar o mundo da mulher de uma ótica diferente da masculina, que sempre a posiciona como frágil e necessitada de proteção. E as marcas dessa escrita estariam principalmente num discurso que combate a convenção do feminino, numa busca de afirmação do papel da mulher, com espaço para a sua rebeldia perante o lugar em que é colocada, para o raciocínio e argumentação que viabilize melhor posição e reconhecimento. Portanto, um assunto recorrente, seja nos seus romances, peças ou crônicas, é essa conquista de espaço pelas mulheres. (TAMARU, 2004, p. 36).

A autora demonstra também a força do sexo feminino, sendo esta a que aguenta as pressões do meio familiar, como a criação dos filhos, a economia doméstica e, posteriormente também, sua própria profissão. A figura da matriarca familiar é frequente nos romances de Rachel de Queiroz. As mulheres, neste momento, foram também gradativamente ocupando cargos e profissões que antes eram tradicionalmente masculinas, como a engenharia, a arquitetura, até mesmo aquelas ligadas ao meio militar. Sobre esta ascensão profissional feminina, o autor Santos (2005, p. 1) afirma: “Rachel prestou um importante serviço a favor da luta pela valorização do trabalho da mulher além do campo literário. Sua obra, com uma forte ligação política, perpetuou ideias num Brasil intelectual”.

Demonstrando dificuldades em se enquadrar e aceitar as imposições de comportamento às mulheres da sociedade a qual pertencia, Conceição, com certa audácia, transitava livremente nos espaços públicos, como bares, praças e teatros, sem a presença masculina recomendada à época. A personagem não se encaixava no contexto social em que a mulher necessitava da figura masculina para sua segurança ou para obter estabilidade de vida, através do casamento, por exemplo. Diante disso, a autora Moreira (2010, p. 2) elucida: “Com isso, temos o traçado de mulheres que retracejam o seu destino, que falam, gritam e se fazem ouvidas”.

Neste sentido, Conceição pode ser analisada como um espelho das primeiras décadas de seu século, momento este em que a mulher começa a se emancipar e ganhar espaço. Presente em uma das principais obras de Rachel de Queiroz, esta dentre muitas personagens “queirozianas” se mostra como uma mulher autônoma, forte e, de certa forma solitária, que encontra na vida sertaneja sua razão de luta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir que, ao analisarmos o Regionalismo de 1930, voltado para a literatura feminina de Rachel de Queiroz, podemos observar em sua obra e em seu estilo de escrita regionalista, importantes aspectos do momento histórico vivido pela autora. Abordando as mazelas e as dificuldades da vida sertaneja, no que tange à seca e a opressão, Queiroz dialoga de forma brilhante estas temáticas nordestinas com a ação e atuação da mulher nesta sociedade, onde a figura feminina se posiciona como resistência, à submissão paternalista e às tradições conservadoras de seu tempo.

Desta forma, Rachel de Queiroz foi de suma importância na construção de uma literatura crítica brasileira da década de 30, trazendo de forma extraordinária a abordagem feminina em suas obras, abrindo o tema para discussões sobre diferentes óticas e mostrando de forma realista este momento histórico brasileiro.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Laile Ribeiro de. O texto queiroziano e seu percurso crítico. In: Em Tese. Belo Horizonte: UFMG, 2012. v. 18. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index>>. Acesso em: 30 mar. 2010.
- AMADO, Gilberto. Rachel de Queiroz – escritor profissional. 100 crônicas escolhidas: Livraria José Olympio Editora. Rio de Janeiro: Ed. Dois, 1970.
- BANDEIRA, Manuel. Louvado para Rachel de Queiroz. Estrela da vida inteira. 20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- COURTEAU, Joanna. A Feminização do discurso nacional na obra de Raquel de Queiroz. Hispania. v. 84, n. 4., p. 751-756, 2001.
- COUTINHO, Afrânio. A literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Sul Americana S.A., v.5, 1970.
- DE FRANCESCHI, Antônio F. apud, BRITO, Clovis Carvalho. Rachel de Queiroz: cadernos de literatura brasileira. São Paulo: Instituto Moreira Salles, Ed. Dois, 2002.
- DUARTE, Constância Lima de. Feminismo e literatura no Brasil. Estudos Avançados 17 (49), São Paulo, p.150-172, 2003.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de. As Melhores Crônicas de Rachel de Queiroz. São Paulo: Global, 2004.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque de. O éthos Rachel. In: Cadernos de Literatura Brasileira - Rachel de Queiroz. São Paulo: Instituto Moreira Salles, n.4., 1997.

MOREIRA, Jailma dos Santos Pedreira. Narrativas de Rachel de Queiroz: modos de (re) contar, modos de (re) inventar-se. In: DIADORIM: Revista de Estudos Linguísticos e Literários. Rio de Janeiro: UFRJ, Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, n.7, p. 81-90, 2010.

PAGANUCCI, J.; ARAÚJO, Q.; MATOS, R. Modernismo e Regionalismo em Rachel de Queiroz: Memorial de Maria Moura, Um Cabra Valente. Anagrama, v. 6, n. 3, p. 1-15, 2013.

QUEIROZ, Rachel de. Cadernos de Literatura Brasileira. São Paulo: Instituto Moreira Salles, n.4., 1997.

QUEIROZ, Rachel de. O Quinze. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, Ed. Treze, 1971.

QUEIROZ, Rachel de; QUEIROZ, Mariza Luíza de. Tantos anos: uma biografia. São Paulo, Ed. Quatro, 2004.

SANTOS, Lazaro Vaz dos. Desvendando o Brasil: A trajetória de Rachel de Queiróz, 2015.

TAMARU, Angela Harumi. A construção literária da mulher nordestina em Rachel de Queiroz. Universidade Estadual de Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem. São Paulo, 2004.

VELOSO, Mariza; MADEIRA, Angélica. Leituras brasileiras: itinerários no pensamento social e na literatura. Rev. São Paulo: Paz e Terra, Ed. Dois, 2000.